

FALARES REGIONAIS EM CONTRASTE COM A GRAMÁTICA TRADICIONAL

REGIONAL SPEECH IN CONTRAST WITH THE TRADITIONAL GRAMMAR

Guido de Oliveira Carvalho¹

Resumo: O objetivo desta pesquisa foi o de investigar a fala dos moradores do município de Guarinos, no Estado de Goiás, com o propósito de analisá-la em contraste com a norma culta. Para alcançar o objetivo, foram gravadas entrevistas com os moradores da região durante o evento conhecido como “Festa de Guarinos”, cujas fitas foram posteriormente transcritas e analisadas. Na análise de dados, constatou-se a presença de vários elementos que a gramática normativa considera errados: a pronúncia de “ez” ao invés de “eles”, o acréscimo da preposição “de” antes da expressão “a pé”, o uso de “mais” ao invés de “mas”, o uso de “nós” com a conjugação do verbo na terceira pessoa, a pluralização em apenas um elemento da sentença, entre outros. A hipótese inicial, de que havia uma regularidade nos assim chamados “desvios da língua”, foi confirmada.

Palavras-chaves: Lingüística aplicada. Ensino de português. Português falado

Abstract: The aim of this research was to analyse the speech of the people from Guarinos, in Goiás state, in contrast with the cult rule of Portuguese language. To reach that, interviews with the residents of the region were recorded during the festival known as “Guarinos Fest”. After that the tapes were transcribed and analysed. Several elements that the prescriptive grammar considers errors were found, however our initial hypothesis, that there was a regularity in the so-called “language deviation”, was confirmed.

Key words: Applied Linguistic. Portuguese teaching. Spoken Portuguese

Introdução

A escrita desempenha um papel predominante em nossa sociedade, e representa, por vezes, a supremacia de pessoas letradas sobre as pessoas com pouca ou nenhuma instrução escolar (Marcuschi, 1997).

Contudo, essa primazia da escrita sobre a fala é algo recente e possui um caráter cultural, como cita Lyons (1981, p. 24-25):

¹ Mestre em Letras pela UFG, professor de Estágio em Língua Inglesa na UEG-Inhumas.

É uma questão de acidente histórico se o uso de uma região ou de uma classe social específica serviu de base para o desenvolvimento de uma língua literária padrão em determinadas comunidades e se, conseqüentemente, o dialeto de outras regiões e de outras classes sociais hoje são tidos, como muitas vezes acontece, como inferiores, variedades subpadrão da língua.

Ainda sobre a escrita, Marcuschi (1997) alerta para o fato de que a escrita é vista sob a perspectiva das regras. É comum, por exemplo, estudantes adentrarem o universo escolar e, após algumas aulas de português, acreditarem que não sabem sua própria língua. Na verdade, o que eles não dominam são as regras gramaticais, pois já são falantes da língua e perfeitamente entendidos pelas pessoas de suas relações (Bagno, 2000).

Entretanto, Marcuschi (1997, p. 125) afirma que a "a oralidade continua na moda", ou seja, a fala ainda exerce um papel preponderante em nossa sociedade e serve de registro de prática social e cultural dos falantes.

Se a fala é adquirida de forma natural, a escrita é aprendida em contextos formais, normalmente, no ambiente escolar. Contudo, ao ensinar a norma culta, a escola coloca para escanteio os falares particulares dos alunos. Por falares particulares, entende-se a fala do dia-a-dia do aluno em seus mais variados ambientes: família, ruas, parques, fazendas, bares, conversas com os amigos etc. O ostensivo foco no português formal perpetua o domínio da escrita sobre a fala e gera o que Bagno (2000, p. 64) define como "instrumento de poder e de controle", segundo o qual o que não está na gramática normativa não é português.

Além disso, o caráter social da linguagem é destacado por Mollica (2003). Segundo a autora, a sociedade avalia os padrões lingüísticos da fala e essa avaliação pode determinar a posição do falante na escala social.

A norma culta está relacionada a pessoas com nível elevado de instrução (Oliveira, 2004) e é interesse da elite mantê-la inacessível à população menos favorecida, uma vez que ela é a detentora do saber (Kezen, 2004).

Fonseca (2004) alerta para o fato que a Sociolingüística vê os preconceitos em relação aos falares populares como preconceitos referentes à classe social dos falantes dessas variedades, e não propriamente com relação às palavras faladas por eles. Assim, como outras, é que a fala nordestina é considerada "ridícula", quando da pronúncia, por exemplo, de "oitcho" e "muitcho", referindo-se às palavras escritas "oito" e "muito", enquanto que a fala de cariocas e mineiros, por exemplo, em "tchia" e "tchigre" referindo-se às palavras "tia" e "tigre" é considerada normal.

A partir disso, acreditamos que a reflexão gramatical deve ser parte das aulas de português. O ponto de partida dessa reflexão seria o conhecimento lingüístico que os alunos

possuem antes de entrar no ambiente escolar, e fora da escola, isto é, sua fala (Castilho, 2000). Esse ponto de vista é defendido por Kezen (2004) quando afirma que as pessoas de classes menos privilegiadas não dominam a norma culta, mas detêm outros saberes igualmente importantes e dignos de serem conhecidos.

Ademais, os autores citados reconhecem que, apesar das variedades, os brasileiros fazem-se entender perfeitamente e possuem uma escrita regular que possibilita a leitura de um mesmo texto nas mais variadas regiões do país.

Bagno (2001) afirma ainda que a língua falada não é caótica, ao contrário, apresenta um conjunto de uso estabelecido por determinadas regras. Ele divide a língua em Português Padrão (PP) e Português Não Padrão (PNP), explicando, entre outros exemplos, que:

- No PNP, a troca de *l* por *r* nos encontros consonantais se deve ao fenômeno fonético chamado rotacização, em que primordialmente, havia encontros consonantais apenas com *r*;
- A marcação do plural em apenas uma das palavras da sentença se deve à eliminação da redundância, tal como ocorre no inglês;
- A troca do *lh* por *i* se deve à maior facilidade de pronúncia da última devido à posição da língua na boca;
- O uso do verbo na terceira pessoa junto com os pronomes que não sejam “eu”, como em “nós vais”, é uma simplificação das conjugações verbais.

Um dos objetivos desta pesquisa foi o de proporcionar uma reflexão sobre a língua falada e a gramática prescritiva ensinada nas escolas. Para isso, analisamos a fala diária das pessoas da comunidade pesquisada. Entende-se aqui a gramática prescritiva que frequentemente os professores cobram não apenas na escrita mas também na fala. Nossa pesquisa focalizou a fala das pessoas em contraste com as regras gramaticais presentes, geralmente, em manuais. A metodologia e a análise dos dados encontram-se nas seções subsequentes.

Analisamos também a fala dos habitantes da região de Guarinos-GO nos seguintes aspectos: gramática, pronúncia, e particularidades diversas da fala dos habitantes da região como expressão de sua cultura.

Entre os objetivos específicos discriminados quando apresentamos o projeto de pesquisa à Pró-Reitoria de Pesquisa, esperávamos, com as gravações de entrevistas com os habitantes da região de Guarinos-GO:

- Verificar se há regularidade (no que tange à gramática e pronúncia) na fala;
- Analisar de forma crítica, como isso poderia afetar o ensino da língua portuguesa.

Metodologia

Para a realização da pesquisa utilizamos uma abordagem etnográfica, com observações no ambiente real. De acordo com Marconi e Lakatos (1999, p. 94), "a melhor ocasião para o registro é o local onde o evento ocorre. O objetivo era reduzir ao mínimo as tendências seletivas e deturpação em caso de reevocação." Nossa pesquisa se inseriu no âmbito da sociolinguística, uma vez que o seu objeto de estudo é a língua falada, observada em seu contexto e em situações reais de uso, conforme Alkmim (2001) afirma.

Para tal observação, como é de nosso interesse a fala dos habitantes do local, utilizamos gravadores de fita K7, para registrar a fala da comunidade. As entrevistas foram gravadas na cidade de Guarinos, durante o evento conhecido como "Festa de Guarinos", nos dias 03 e 04 de julho de 2004. Após a coleta de dados, as fitas foram transcritas, mantendo ao máximo o estilo de fala dos entrevistados.

Buscamos conceituar a fala das pessoas como demonstração de sua cultura e verificar quais dizeres diferem da gramática tradicional e procuramos entender o porquê de sua ocorrência.

No projeto, definiu-se a seguinte hipótese: "a fala que não se enquadra aos padrões da norma culta apresenta regularidade e, também, como afirma Kezen (2004), as pessoas que utilizam variedades linguísticas diferentes à do padrão da língua, possuem um repertório de conhecimentos importante para ser divulgado. Além disso, a norma culta não contempla o real falar dos brasileiros. Conhecer essa fala é de vital importância para uma postura crítica com relação ao ensino de português nas escolas.

Nos trechos transcritos utilizados para exemplificar a fala, optamos por manter falas maiores, para que o fenômeno citado ficasse devidamente contextualizado. Também optamos por colocar apenas as iniciais das pessoas entrevistadas para preservar suas identidades.

Resultados e discussão

Nesta seção, apresentamos os resultados da análise das entrevistas realizadas com os habitantes de Guarinos². A cidade, localizada a 260 km de Goiânia, cuja área é de 395 km², com 2925 habitantes, é conhecida no Estado de Goiás pela popular "Festa de Guarinos", em homenagem à Nossa Senhora da Penha. Contudo, além da parte religiosa, a cidade conta com

² A parte da análise de dados contou com a colaboração das alunas Fabrízia Lúcia da Costa e Adriana Rosária de Borba, do 3º. Ano de Letras (2005), UEG-Itapuranga

uma festa pagã, onde se vê barracas, shows e bailes. As entrevistas foram realizadas durante dois dias da citada festa.

1. Regularidade na fala dos entrevistados

Castilho (2000) considera, em relação à linguagem, duas fases: a primeira, a fase de planejamento, de natureza cognitiva, refere-se ao momento de seleção do que será dito e como ocorrerá. A segunda, a fase da execução, refere-se à expressão da seleção, através do léxico e da gramática, adequados ao momento. Entretanto, quando falamos, as duas fases ocorrem ao mesmo tempo e em tempo real, estamos replanejando e falando concomitantemente, o que provoca alterações e hesitações na fala. Apesar disso, percebemos que a fala dos entrevistados apresenta diversas regularidades, conforme exemplificadas a seguir

1.1 Regularidade de pronúncia

a) O primeiro item que nos chama a atenção é a supressão do *-r* da desinência dos infinitivos. Desta forma, palavras como *der*, *puder*, *proteger*, *ir* e *trazer* se transformam em *dé*, *pudé*, *i*, e *trazê*:

Se ela me **dé** vida e saúde, todo ano eu quero vim aos pé dela de-a-pé, quando Deus me **dé** vida e eu **pudé** caminhá. E ela me **potregê** com vida e saúde e a minha esposa e a minha família.

Entrevistado: FC

Pode **i** lá mais num seja tanto assim por causa da religião, mais, logo que veio aqui alguma coisa precisa também, né?

Entrevistada: LRM

Nessa comemoração, eu comecei a **traze** romero, comecei a sentir bão a festa ... e minha esposa começou a vim, teve um menino que machucou o joelho e fez um voto, foi feliz.

Entrevistado: JB

b) Outra realização lingüística constante é a inserção do fonema **i** entre uma vogal e o **s** ou **z**:

Calhamares foi o nome que ele escolheu, **mais** o rio ficou batizado como rio Caiamar.

Entrevistado: SPS

O meu marido perdeu a chave da caminhonete, foi uma graça mais grande que Nossa Senhora **feiz** pra mim.

Entrevistada: MFA

Pra **nóis** essa festa aqui é uma festa, como diz, religiosa, e **nóis** todo aqui tudo é família aqui, filho e nora, irmã, tudo é irmã, então pra **nóis** essa festa aqui é uma... coisa como diz, de utilidade né, de, muito boa pra **nóis** tudo.

Entrevistada: LRM

Não, eu acho que o comercial tá maior ainda, né. Porque muitos vem aqui, talvez nem na Igreja num vai, né. Que as **veis** vem mexê com negócio só, né.

Entrevistada: LRM

Curioso notar que isso ocorre na fala de pessoas com grau de instrução maior, como pode ser visto com os próprios pesquisadores:

Mais a senhora não pretende pará de vim enquanto a...

Entrevistador: SRG

c) Há na fala destes falantes a troca do *-l* pelo *-r*, em ocorrências de sílabas abertas como, por exemplo, nas palavras *alcancei*, *alguma* e *alqueire* se transformam em *arcancei*, *argumas* e *arquero*.

Entrevistador SRG.: E a senhora já alcançou alguma graça em Nossa Senhora da Penha?

MFA: Arcancei.

Não, eu acho que o comercial tá maior ainda, né. Porque muitos vem aqui, talvez nem na Igreja num vai, né. Que as **veis** vem mexê com negócio só, né. Pode i lá mais num seja tanto assim por causa da religião, mais, logo que veio aqui **arguma** coisa precisa também, né? **Nóis** não, **nóis** graças a Deus nunca mexeu com negócio, **nóis** vem mesmo só pá causa da festa mesmo, da Santa mesmo.

Entrevistada: LRM

Era mato, aqui a Santa tem vinte **arquero** de mato, aqui-o vinte **arquero** de terra. Adoado aqui, que o povo daqui deu, até esses negócios de cobrá, cobrá aluguéis dessas barraca, isso aqui os padre falava pra gente que se fosse pra cobrá o aluguéis quem recebia era a igreja, porque a terra é da Santa. Mais agora o povo já beneficiou né, eis tem o direito de cobrá, né.

Entrevistada: S

d) O apagamento de *-lh* ou sua substituição por *-i* são outros eventos comuns:

Tá quase com trinta anos, porque elas vinha primero do que eu, eu num vinha, depois o meu **fi** ordenou a padre, aí eu acompanhei ele, já tem mais de vinte anos.

Entevistada: S

(....) Depois de uns seis ano eu adquiri **famía**, meus menino e minha esposa começou: não, nós também vai ... trazia ez aí já vim com a **famía** e continuei a vindo, nunca mais parei, de modo que há quarenta ano atrás, uma parada duns quatro ano, aí depois desses quatro ano eu segui, quer dizer, tem uns trinta ano que envenho seguido.

Entrevistado: JB

Uái, vim num ano, tive vontade vim no outro, cada veis mais vontade de vim, né. Mais eu já **faiei** uns ano que eu tava doente, aí eu **faiei**.

Entrevistada: MFA

e) Presente também na fala dos entrevistados, encontramos a supressão do fonema *-d* em terminações de gerúndio.

Então esses aí é que eu falo, que, o que faz parte do grupo de jovens da igreja é mais apurado um pouquinho, que, vai de espontâneo né, ele tem poca coisa assim que, às veis um amigo dá um conselho, mais é porque ta memo fácil de ir porque se tivesse meio custoso ele continua num **obedeceno**.

Entrevistado: J B

Na descer eu já descí desmaiado e quando eu dei na cor de si já tava na flor da água, igual um labarizim **nadano**.

Entrevistado: FC

Ela fez por nós né, num foi mais ninguém, foi só ela mesmo que fez pra nós, naquele momento mais apertado né, que agente tava **passano**.

Entrevistada: LRM

f) Substituição do advérbio de negação *não* por *num*.

Foi a muitos anos pra trás era pá cumprir, a situação nunca dava, arranjava sempre essas dores nas perna e anemia sem podê vim, o ano passado eu vim, mais fiquei na dúvida que **num** cumpri direito, sempre falando pra minha esposa que eu vinha esse ano de-a-pé, na véspera de sai me deu umas dor nas perna e eu ainda falei pra minha esposa que eu ia deliste, que **num** ia dá conta.

Entrevistado: FC

Não, quer dizer, perdeu não, omentô né. Porque naquela época só tinha aquela rua ali né, essa rua que sobe, e também **num** tinha barraquero, **num** tinha, era uma festa assim mais religiosa, só da igreja, né.

Entrevistada: LRM

Entrevistador SRG: Mais a senhora ainda tá mais forte do que nós aqui.

Entrevistada MFA: Tô o quê? **Num** güento mais não. Se Nossa Senhora da Penha ajudá, ainda venho, né.

Nos outros anos pra traz eu trazia era lotação né, eu vinha era pra ganhar dinheiro, faze frete e fui apreciando a festa, apreciando, depois eu peguei a vim só por, **num** trazia ninguém, esses dezenove ano nunca troxe ninguém pra ganha dinheiro.

Entrevistado: JB

Entretanto, observamos que a substituição só ocorre quando o *não* acompanha ele acompanha o verbo. Isolado, ele não é substituído por *num*. Observe o exemplo a seguir:

Entrevistadora T: A senhora acha que perdeu um pouco o sentido original da festa, ou a senhora acha que não?

Entrevistada LRM: **Não**, quer dizer, perdeu **não**, omentô né. Porque naquela época só tinha aquela rua ali né, essa rua que sobe, e também **num** tinha barraquero, **num** tinha, era uma festa assim mais religiosa, só da igreja, né. Mais agora, eu creio por causa da religião, ou que seja um pouco pros negócio, né. (risos)

g) O ditongo *-ou* freqüentemente se transforma em monotongo *-o*.

Aí nós **azelô** dessa muié o quanto, até chega em Terezinha, aí quando **chego** em Terezinha que o povo dela **pegô** ela e ez seguiram a viagem dês, né. E aí nós já tava memo perto de casa, em Santa Terezinha, e nós foi muito valido, porque o povo da muié era um povo muito brabo, mais Nossa Senhora da Penha num **dexô** o povo num faze nada cum ninguém, nós era muito, ez era muito carrero, né, assim, muito carro tudo encariado (...)

Entrevistada: LRM

Nos outros anos pra traz eu trazia era lotação né, eu vinha era pra ganhar dinheiro, faze frete e fui apreciando a festa, apreciando, depois eu peguei a vim só por, num trazia ninguém, esses dezenove ano nunca **troxe** ninguém pra ganha dinheiro. Algumas vezes chegou a vim de carona, mas, pra ganha dinheiro, não.

Entrevistado: JB

Tem menino..., tem menino aqui desde pequenininho já **estudô** comigo, porque eu fui a primeira professora do pré- escolar daqui né.

Entrevistada: M

Nóis vinha e nós chegava aqui na quinta, né, aí ali tinha o rio, sua mãe era pequeninha, e mãe ia pra lá lava **ropa** né, aí nós ficava arrumano pra faze o almoço, mãe ia mais comade Zil, pai levava ela, né, até a berada di rio, lá num podia i um homem, o rio ficava cheim de muié lavano **ropa**, aí pai levava mãe né, até a bera do rio e voltava pra trais.

Entrevistada: MLM

Mais fé? Tinha uái, porque ez levava litro d'água daí hó, e naquez dia num tinha litro de plástico não, era litro de garrafa, levava pra Goiás Véia, levava os litro d'água pra quando dasse uma dor bibia ela, sarava, a fé era grande, quando vortava **notro** ano levava mais água pra lá, pra Goiás Véia, pra lá.

Entrevistada: R

h) Também o ditongo –ei- sofre transformação para simplesmente –e-:

Nos outros anos pra traz eu trazia era lotação né, eu vinha era pra ganhar **dinhero**, faze frete e fui apreciando a festa, apreciando, depois eu peguei a vim só por, num trazia ninguém, esses dezenove ano nunca troxe ninguém pra ganha **dinhero**. Algumas vezes chegou a vim de carona, mas, pra ganha **dinhero**, não.

Entrevistado: JB

Tá quase com trinta anos, porque elas vinha **primero** do que eu, eu num vinha, depois o meu fio ordenou a padre, aí eu acompanhei ele, já tem mais de vinte anos.

Entrevistada: S

Nem só eu recebi muitas graças, mais toda minha família e muitos **romero** que vem aqui recebe muitas graças, graças a Deus.

Entrevistada: LRM

i) O pronome *eles* é pronunciado como *ez* em diversas falas dos entrevistados:

Aí nós azelô dessa muié o quanto, até chega em Terezinha, aí quando chego em Terezinha que o povo dela pegô ela e ez seguiram a viagem dê, né. E aí nós já tava memo perto de casa, em Santa Terezinha, e nós foi muito valido, porque o povo da muié era um povo muito brabo, mais Nossa Senhora da Penha num dexô o povo num faze nada cum ninguém, nós era muito, **ez** era muito carrero, né, assim, muito carro tudo encariado, assim, então aconticia muita coisa nesse tempo. **Entrevistada: LRM**

(...) Depois de uns seis ano eu adquiri família, meus menino e minha esposa começou: não, nós também vai ... trazia **ez** aí já vim com a família e continuei a vindo, nunca mais parei, de modo que há quarenta ano atrás, uma parada duns quatro ano, aí depois desses quatro ano eu segui, quer dizer, tem uns trinta ano que envenho seguido.

Entrevistado: JB

Tem muito obra de milagre, minha mãe, eu num, acho que nem nascida eu era, né, compadre Zé, Zé Moreira que é meu irmão, só tinha ele e compadre Tião, e estava arrumando pra vim e ela ficou muito ruim né, aí pai pediu Nossa Senhora da Penha, se ela miorasse **ez** vinha e nunca mais faiava né, enquanto ela fosse viva e nunca faio mesmo não.

Entrevistada: MLM

1.2 Regularidade de Gramática

a) O item que mais chama a atenção na fala dos entrevistados é a marcação do plural em apenas uma das palavras da sentença:

Observe que na fala seguinte, a sentença “pus a minha oferta nos pés delas” recebe a marca de pluralização apenas na palavra *nos*:

Eu fiz a minha parte, vim com todo respeito, com todo carinho, fiz a minha pinitência, pus a minha oferta **nos pé dela** e a graça eu recebi, porque eu vivia caído aí num poço d’água desmaiado, fiquei aboiando n’água, não afoguei, quando dei por conta de si eu tava, eu tava noutras águas, prefeitim respirando, então eu fiz esse voto.

Entrevistado: FC

Na fala da entrevistada LRM, a sentença “os netos vão casando” recebe a marca de pluralização apenas no artigo, nem mesmo o verbo apresenta a desinência indicando se tratar de mais de uma pessoa.

A gente vem assim, da moda do outro, aumentano mais, **os neto vai casano**, os otros em vem vino e todo mundo que num vinha, já vem, né. Aí-o, hoje já vei umas cinco pessoa de minha família tudo de-a-pé, ta aí tudo andano bão aí-o.

Entrevistada: LRM

Na fala seguinte, “duzentos anos” recebe a marca de pluralização apenas na primeira palavra:

Isso aí tem mais de **duzentos ano**. Essa festa aqui tem mais de **duzentos ano**.

Entrevistada: S

b) Igualmente digno de atenção é o uso constante de “nós” (na fala típica: “nóis”) com a concordância do verbo na terceira pessoa.

Quando foi no dia que a **nóis saiu**, segunda-feira, as três hora da manhã eu levantei tava prefeito, num tava sentino nada, aí pus o pé na estrada, vim entrei de jueio nos pé dela, cumpri a minha devoção e recebi a graça dela, porque num senti nada no caminho.

Entrevistado: FC

Hó, tem mais de quarenta anos que **nóis vem** aqui né, **nóis vinha** de carro de boi, **nóis vinha** de à cavalo, **nóis vinha** de todo jeito, né.

Entrevistada: LRM

Nóis veio de caminhonete, **nóis saiu** de lá hoje era umas oito horas, oito e meia mais ou menos.

Entrevistada: MFA

Hó, ta com dezenove ano que eu mudei pra Goianésia, depois da mudança pra Goianésia foi que eu passei a vim aqui só pela fé, só pela romaria, fazer visita pra Santa, que, tem duas finalidade grande, é encontrar com esses amigo que **nóis viveu** quais uns quarenta ano em ... quais a vida nossa toda lá, então aqui **nóis topa** com os amigo tudo que, hoje num tem prazo de fica passeano uns nas casa dos outro, mais pelo menos a gente adverte uns dois dia que junta né?

Entrevistado: JB

c) Presente também nas falas do entrevistados encontramos a troca constante do pronome “eu” por “mim” em sentenças que a gramática prescritiva determina que seja “eu”.

(...) Aí mãe falava assim, tal hora **cê vai leva Edi lá pra mim dá de mama** e lá na bera do rio minha fia era, Tapuia, chega lá na bera do rio tinha aquez cipó, assim, ez pegava aquez cipó, balançava, caia lá no meio do rio.

Entrevistada: MLM

Entrevistador G: É, e porque você achou bão?

Entrevistado D: Porque tem muito brinquedo pra mim ficá **oiano**.

d) Outro destaque é a colocação do pronome oblíquo “me” de forma diferente daquela preconizada pela gramática normativa:

Me senti curado. Estou curado por ela, porque nunca mais senti. Foi uma graça que eu recebi na hora.

Entrevistado: FC

... Não, sempre que a gente sente alguma coisinha a gente pede ela: ó, minha Nossa Senhora, **me dá né, me dá cura...**

Entrevistado: nome desconhecido

Entrevistador G: É, e porque você achou bão?

Entrevistado D: Porque tem muito brinquedo **pra mim ficá oiano**.

Evento que aparece também na fala dos entrevistadores:

Me diz uma coisa, você é católico?

Entrevistador: G

e) Além disso, encontramos algumas palavras com o acréscimo do prefixo *-a-*:

Na festa aqui? Nós vinha aqui, quando que eu **alembro**, que começo a vim, só tinha uma igreja e uma casinha que os padre ficava...

Entrevistada: MLM

Porque sempre a gente mora é aqui né, e aí eu acho que a festa, no começo da festa a gente num alembra muito, mais eu acho que ela num ta igual era de primero, né, porque de primero ela era de carro de boi, era de à cavalo e hoje é de carro de gasolina, né, de, óleo, é de tanta coisa né, mais eu acho que a festa d'agora ta bem diferente do que era.

Entrevistada: A

Entrevistador G: Você conhece alguma-graça que você ficou sabendo, ouviu mesmo.

Entrevistada Mi: Nesse momento eu não **alembro** não.

Era mato, aqui a Santa tem vinte arquero de mato, aqui-o vinte arquero de terra. **Adoad** aqui, que o povo daqui deu, até esses negócios de cobrá, cobrá aluguéis dessas barraca, isso aqui os padre falava pra gente que se fosse pra cobrá o aluguéis quem recebia era a igreja, porque a terra é da Santa.

Entrevistada: S

1.3 Outras características da fala dos entrevistados

a) Observamos também a presença de palavras reduzidas – *tá* para *está*, *tô* para *estou*, *ocê* para *você* – também comuns ao falar do brasileiro, como pode ser constatado em conversas informais e entrevistas de rádio e televisão.

Eu acho que a senhora é muito mais... muito mais jovem que muitos jovens que nunca vieram aqui, porque, não é porque não tem oportunidade não, porque muitas vezes não acredita no que a senhora **tá** acreditando, né.

Entrevistador: SRG

Tô com setenta e quatro anos.

Entrevistada: MFA

Entrevistador SRG: Dona S, há quanto tempo a senhora vêm aqui em Guarinos?

Entrevistada S: **Tá** quase com trinta anos, porque elas vinha primero do que eu, eu num vinha, depois o meu fio ordenou a padre, aí eu acompanhei ele, já tem mais de vinte anos.

Proquê ontem mesmo o meu filho tava passando mal cum'a dore e ele falou que num vinha e eu falei, pega com Nossa Senhora da Penha que **ocê** vai miorá e nós vai chegá lá. E hoje ele ta aqui alegre, satisfeito, é uma graça que agente recebeu, num é?

Entrevistada: LRM

Sô a mais véia daqui da turma de Guarino, num tem nenhum, pode caça aí na cidade tudim que **ocê** num acha uma véia que tem a idade que eu tem. Eu sô de 1911.

Entrevistada: R

Aí agente vinha todo, aqui era tudo mato só tinha um limpinho da porta da igreja né, todo mundo ficava era debaixo dos pau, limpava debaixo dos pau né, armava barraca né, ez fazia aquelas barraca de, **cê** viu lá aquele bar de foia, fazia né, era só aquilo né, foia de coquero, de bacuri né, fazia barraca né, alugava né pros outros.

Entrevistada: MLM

b) Além disso, encontramos algumas formas de expressão, no mínimo interessantes, como o uso de *de a pé* e *de a cavalo* ao invés de *a pé* e *a cavalo*. Acreditamos que estas ocorrências podem ser uma analogia a outras formas de expressão relativas a outros meios de transporte: *de carro*, *de ônibus*, *de carro de boi*. Dessa forma, pode-se explicar tal fenômeno como uma generalização do uso da preposição *de*.

Hó, tem mais de quarenta anos que nós vem aqui né, nós vinha de carro de boi, nós vinha **de à cavalo**, nós vinha de todo jeito, né. Agora hoje nós vêm de caminhão, vêm umas trinta pessoas, né, quarenta pessoa, sempre vem aqui, nós é romero de Nossa Senhora da Penha.

Entrevistada: LRM

Tem muito tempo, desde quando eu entendi por gente, eu já tenho quarenta e treis anos. Existe essa festa, eu me lembro quando a gente morava na fazenda, a gente vinha **de a pé**, muita gente de carro de boi.

Entrevistada: Maria

c) O uso de diminutivos é um recurso enfático do falante para destacar o valor expressivo daquilo que ele está falando.

Entrevistador G: Eu estou vendo que você está com um carrinho de picolé, você trabalha aqui tem muito tempo?

Entrevistado J: Trabalho, todo ano eu vendo. Desde 10 anos eu tô vendendo picolé.

Entrevistador G: Mas você vende todos os dias né, não é só na festa não?

Entrevistado J: Vendo todo dia, não é só na festa não.

Entrevistador G: Tá certo.

Entrevistado J: Eu tenho que vendê, porque ficá atoa né, é ruim...tem que tirá um **dinheirinho** pra comprá **ropinha**.

É porque vem utilidades, tem muitas coisas, Aí, só que hoje não tem isso mais, porque o pessoal já sai e vai para Goiânia. Vai até Itapaci, que é a cidade mais próxima, então, mais antigamente era assim, e se você chegasse em uma casa o pessoal já estava lá, com o **dinheirinho** tudo, **prontinho** pra festa.

Entrevistada: M

Era desse jeito memo, só porque era **poquinha** gente. Tinha a **cidadinha**, era **poquinha** gente, aí tinha aquês **barraquinha**, **barraquinha**, **barraquinha**, só a casa só memo do tisorero ali naquela esquina dali, eu num sei se é dali, eu to errano daqui agora.

Entrevistada: R

d) Presença bastante frequente também é o marcador de discurso “né?”, tanto na fala dos entrevistados, quanto dos entrevistadores:

Se viesse pra faze as duas coisas tudo bem, **né**, só pra uma não, **né**. Só pra religião tudo bem, **né**, mais só pra negociar também não, **né**?

Entrevistador: SRG

Não, tem que ter o cumércio, **né**, tem que ter o cumércio porque os romero que vem pá i na igreja precisa de compra uma coisa, comprá outra, **né**.

Entrevistada: S

Porque sempre a gente mora é aqui **né**, e aí eu acho que a festa, no começo da festa a gente num alembra muito, mais eu acho que ela num tá igual era de primero, **né**, porque de primero ela era de carro de boi, era de à cavalo e hoje é de carro de gasolina, **né**, de, óleo, é de tanta coisa **né**, mais eu acho que a festa d’agora ta bem diferente do que era.

Entrevistada: A

É existe essa diferença também, porque o pessoal mesmo, do Guarinos, mesmo esses... existe essas mocinhas- essas mocinhas (?) mais nova que... porque eu já fui professora vai fazê mais de 16 anos aqui **né**, então, existe. Tem menino..., tem menino aqui desde pequenininho já estudô comigo, porque eu fui a primeira professora do pré- escolar daqui **né**.

Entrevistada: M

1.4 Diferenças de fala entre pessoas de faixas etárias diferentes.

Como entrevistamos pessoas de faixas etárias diferentes, percebemos que algumas ocorrências citadas anteriormente não se realizam nas falas das pessoas com faixa etária abaixo de 40.

Assim, por exemplo, a entrevistada K, de 22 anos utiliza a expressão *a pé*, aceita como “correta” pela gramática tradicional:

Ah! Sei teve um testemunho na igreja que um rapaz deu. O ano passado ele veio na festa em Romaria, aí ele tinha perdido dois filhos em um acidente, parece que a mulher dele não conseguia engravidar de novo e ele queria ter outro filho, aí ele veio nos pés da Santa, veio **a pé** na procissão e pediu essa graça, aí parece que na missa de segun-Quinta-feira, aí ele foi dar testemunho de que a mulher dele estava grávida. E veio com o filho de 1 ano.

Entrevistada: K

A pronúncia de “eles” como “ez” também não ocorre na fala das entrevistadas O (22 anos) e S (16 anos):

Entrevistador G: Teve procissão hoje? Eu não sou católico, então eu tenho dificuldade pra entender esses tempos religiosos. Mas assim, é seus pais são daqui?

Entrevistado O: São daqui.

Entrevistador G: Quanto tempo eles são daqui?

Entrevistado O: Deve ter uns 50 anos, se eu não me engano.

Entrevistador G: Então eles vivem bem no início.

Entrevistado O: Ah, **eles** nasceram e criaram aí né, casaram.

Entrevistador G: Ta certo, então. Seus pais também são daqui né.

Entrevistado S:- São

Entrevistador G: E eles também moram aqui tem muito tempo?

Entrevistado S: Moram, **eles** nasceram aqui também.

Entretanto, outras formas de expressão encontram-se presentes nas falas de pessoas mais novas e de pessoas com mais idade. Observe que Mi (15 anos) não apenas utiliza o “nóis” como também conjuga o verbo na 3ª. pessoa do singular:

Entrevistador G: Tudo bem! E nesta festa aqui você ...trabalha aqui ou a noite você está livre pra festar?

Entrevistada Mi: Não, **nóis fecha** aqui umas 8,9 horas. Aí a noite **nóis sai**, eu e a minha mãe.

J, de 13 anos, utiliza, no exemplo a seguir, a forma coloquial “tô” e a supressão do –d no gerúndio:

Trabalho, todo ano eu vendo. Desde 10 anos eu tô vendeno picolé.

Entrevistado: J

Observamos também, a presença do marcador “né” na fala de K (22 anos) e de J (13 anos):

Eu, pra mim é uma das melhores Romarias, **né**. Eu gosto muito, acho muito bom.

Entrevistada: K

Eu tenho que vendê, porque ficá atoa **né**, é ruim...tem que tirá um dinheirinho pra comprá ropinha.

Entrevistado: J

Considerações finais

Apesar de a escrita ter adquirido um enorme grau de importância na sociedade contemporânea, a fala a precede e introduz mudanças na língua (Lyons, 1981). Segundo Bagno (2002), a gramática normativa descreve ocorrências da língua escrita e realiza suas análises em frases isoladas. Por sua vez, os fenômenos da língua falada são tratados como aberrações.

Como vimos anteriormente, Bagno (2001) estabelece uma distinção entre português padrão (aquele falado pela elite e por pessoas com mais instrução formal) e português não padrão (aquele falado pela população em geral). Contudo, o autor reconhece que há um meio-termo entre as duas vertentes, em que elementos do português não padrão aparecem no falar de pessoas que se dedicam ao português padrão.

Segundo alguns autores (Neves, 2003; Mattos e Silva, 2004; Perini, 2004), esse descaso da gramática normativa pelo real falar da população brasileira (linguagem oral) conduz a um ensino da língua baseado, com frequência, em normas estipuladas há décadas. Essas normas antigas ainda persistem por influência de autoridades as quais consideram que o falar dos brasileiros está “indo de mal a pior”.

Bagno (2000) desmitificou vários mitos que cercam a língua portuguesa, ao afirmar que o preconceito lingüístico refere-se mais à classe social do falante do que propriamente a seu modo de falar. Além disso, os autores mencionados alertam para o fato de que nem todos os erros do falar são de fato erros, ao invés disso, são, na maioria das vezes, mudanças que a língua está sofrendo e serão incorporados ao ensino escolar, mais cedo ou mais tarde, ainda que o reacionarismo de alguns professores de língua portuguesa insista em não reconhecer essas mudanças que são características das línguas vivas.

Perini (2004, p. 20), por exemplo, afirma que a língua sofre mudanças e o que é “erro” hoje, pode não o ser amanhã. Como exemplo, o autor cita a colocação pronominal *mesoclítica*:

(...) Os leitores certamente conhecem a construção mesoclítica do tipo *ajudar-me-á, dir-se-ia*. Essa construção era normal na linguagem escrita (não na falada!) até mais ou menos 1950, mas hoje em dia caiu em desuso.

Unes (2004) explica como ocorre esse fenômeno. De acordo com o autor, a gramática registra um determinado uso do português. Com o passar dos anos, os falantes surgem com uma nova forma de uso, que, a princípio, é condenada pelos estudiosos. Contudo,

o tempo continua passando e uma ou outra gramática registra o novo uso e, em seguida, a antiga forma passa a ser considerada uma construção antiquada.

A hipótese inicial deste trabalho, que defendia a regularidade nos assim chamados “desvios da língua”, foi confirmada. Constatamos, ainda, na análise de dados, que há a presença de vários elementos que a gramática normativa considera errados: a pronúncia de “ez” ao invés de “eles”, o acréscimo da preposição “de” antes da expressão “a pé”, o uso de “mais” ao invés de “mas”, o uso de “nós” com a conjugação do verbo na terceira pessoa, a pluralização em apenas um elemento da sentença, entre outros.

Desta forma, o que os autores citados ao longo deste trabalho propõem – e devemos dizer que partilhamos dessa idéia – é que:

1. A escola tem a função de ensinar fenômenos que ocorrem na língua, além do que estabelece meramente a gramática normativa, ou seja, dar plena vivência da língua ao aluno, trabalhando todas as suas modalidades: falada e escrita; padrão e não-padrão.

2. A língua muda e isso independe de decretos e normas. É vital, para que o ensino do português se concretize de forma a abranger a maneira como o brasileiro realmente fala, que a gramática estudada nas escolas incorpore várias das mudanças que se tornaram presentes na língua falada.

3. É vital também, que a formação dos professores inclua o conhecimento de elementos da lingüística, para evitar o apego excessivo às normas que supervalorizam a língua escrita e não contemplem a língua falada.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. Sociolingüística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à lingüística**. São Paulo, Cortez Editora, 2001 (Vol. 1)

BAGNO, M. **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. **A Língua de Eulália**: novela sociolingüística. 10ª. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Pesquisa na escola**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. **A Norma oculta**: língua & poder na sociedade brasileira. 3ª. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2000.

- FONSECA, A. A. da. **A língua do padrão**. 2004. Disponível em <www.novae.inf.br/brasilalimpo/lingua_patrao.htm> Acesso: em 20/04/04.
- KEZEN, S. **A norma culta falhou**. 2004. Disponível em www.partes.com.br/ed44/emquestao > Acesso em: 20/04/04. LYONS, J. *Lingua(gem) e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.
- LYONS, J. **Lingua(gem) e lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 4^a. ed. São Paulo: 1999.
- MARCUSHI, L. A. Oralidade e escrita. **Signótica**, UFG, v. 9, jan/dez. 1997, p. 119-145.
- MATTOS E SILVA, R. V. **“O português são dois...”**: Novas Fronteiras, Velhos Problemas. São Paulo: Parábola, 2004.
- MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo, Ed. Contexto, 2003.
- NEVES, M. H. de M. **Que Gramática Estudar na Escola?** Norma e Uso na Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.
- OLIVEIRA, H. F. de. **Língua padrão, língua culta, língua literária e contrato de comunicação**. Disponível em <www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno10-09.html> Acesso em: 20/04/04. MARCUSHI, L. A. *Oralidade e Escrita*. **Signótica**, UFG, v. 9, jan/dez. 1997, p. 119-145.
- PERINI, M. A. **A Língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola, 2004.
- UNES, W. Outra do português. **O Popular**, Magazine, 03/06/2004.